

DAVID HUME: O ILUMINISTA ESCOCÊS

DAVID HUME: L'ILLUMINISTE ÉCOSSAIS

DAVID HUME: EL ILUMINISTA ESCOCÉS

DAVID HUME: THE SCOTTISH ENLIGHTENED

Roberta Bouchardet

RESUMO

Neste texto, buscamos traçar a biografia breve do iluminista escocês David Hume (1711–1776), descrevendo o contexto histórico do ponto de vista político e intelectual da Escócia, a vida do filósofo e historiador, os acontecimentos vivenciados e como lidou com os mesmos. As ideias de Hume são delineadas, com ênfase no tópico relacionado à Filosofia do Conhecimento, concluindo com o legado deixado pelo autor nessa área de investigação.

RÉSUMÉ

Dans ce texte, on établit la biographie brève de l'illuministe écossais David Hume (1711–1776), en décrivant le contexte historique du point de vue politique et intellectuel de l'Écosse, la vie du philosophe et historien, les événements vécus et comment il en a fait face. Les idées de Hume sont présentées, en mettant en relief la Philosophie de la Connaissance, en concluant par ce que l'auteur a laissé dans ce domaine d'investigation.

RESUMEN

En este texto, buscamos trazar brevemente la biografía del iluminista escocés David Hume (1711–1776), describiendo el contexto histórico desde el punto de vista político e intelectual de Escocia, la vida del filósofo e historiador, los acontecimientos vividos y cómo él lidió con los mismos. Las ideas de Hume son delineadas, con énfasis, en el tópico relacionado a la Filosofía del Conocimiento. Se concluye con la presentación del legado dejado por el autor en esa área de investigación.

ABSTRACT

In this text, we seek to trace the short biography of the Scottish enlightened David Hume (1711–1776), describing the historical context of the political and intellectual point of view of Scotland, the Scottish philosopher and historian's life, the events he experienced and how he handled them. Hume's ideas are outlined, with emphasis on the topic related to the philosophy of knowledge, concluding with the legacy left by the author in this area of research.

Palavras-chave: 1. Filosofia. 2. Conhecimento. 3. Hábito. 4. Experiência.

Mots-clés: 1. Philosophie. 2. Connaissance. 3. Habitude. 4. Expérience.

Palabras-clave: 1. Filosofía. 2. Conocimiento. 3. Hábito. 4. Experiencia.

Keywords: 1. Philosophy. 2. Knowledge. 3. Habit. 4. Experience.

Especialidade. Biografologia.

Spécialité. Biographologie.

Especialidad. Biografología.

Speciality. Biographology.

INTRODUÇÃO

Importância. David Hume está entre os gigantes da Filosofia. Dentre as teses mais importantes do autor, o “*Problema de Hume*”, lançado no *Tratado da Natureza Humana* (1739, primeiro livro do autor), é ainda hoje considerado válido e influente, quase 3 séculos depois. As ideias de Hume suscitaram reflexões em outros pensadores, tais quais Immanuel Kant (1724–1804) e Adam Smith (1723–1790), e, devido ao posicionamento antirreligioso, receberam grande oposição daqueles ligados à Igreja.

Pioneirismo. Hume consta entre os 3 maiores empiristas britânicos, juntamente com John Locke (1632–1704) e George Berkeley (1685–1753); opôs-se ao racionalismo, particularmente a René Descartes (1596–1650) e às filosofias nas quais o espírito humano era considerado do ponto de vista teológico-metafísico. Dessa forma, abriu caminho à aplicação do método experimental aos fenômenos mentais.

Legado. Foi escritor precoce, tendo lançado aos 28 anos de idade o *Tratado da Natureza Humana*. Essa obra, mesmo não reconhecida em importância na época do lançamento, permanece sendo a mais rica e complexa, pelo legado de ideias até hoje influentes na Filosofia e nas Ciências.

Precursor. Hume também foi importante precursor da Ciência sobre a *psique* humana surgida ao longo do século XIX, a Psicologia, pela proposição de teses sobre o funcionamento da mente, referentes ao entendimento (raciocínios), às paixões e à natureza humana.

Experimentação. Hume propôs a aplicação do método experimental de Isaac Newton (1643–1727) aos assuntos da natureza humana (denominados de Moral),

conforme se constata no subtítulo do *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*.

Objetivo. Neste artigo, o objetivo é apresentar a biografia deste importante autor do Iluminismo Britânico / Escocês, os fatos biográficos principais, o contexto histórico da Escócia e as principais contribuições para o avanço do conhecimento da Humanidade.

Fundamentação. A pesquisa foi fundamentada em obras do próprio autor: *Tratado da Natureza Humana (Livro I)*; *Resumo de um Tratado da Natureza Humana*; *Investigações sobre o Entendimento Humano*; *Minha própria Vida* (autobiografia), além de artigos sobre a vida e obra de David Hume e obras de referência. Para delinear brevemente o contexto histórico da época, foram consultados textos específicos sobre a Escócia e a Grã-Bretanha e principalmente o artigo de Hugo Cerqueira¹, por trazer visão abrangente das condições predisponentes ao aparecimento do Iluminismo naquele país.

Estrutura. O texto apresenta o contexto histórico, político e intelectual do período na Europa, em particular na Inglaterra e Escócia, na primeira seção. Em seguida, lista as principais obras do autor, respectivamente com breve descrição. Na terceira seção, relata a vida de David Hume a partir de textos de outros autores e da autobiografia. Na quarta seção são descritas algumas das principais ideias relacionadas ao tema do conhecimento (Epistemologia e Filosofia da Mente). Na conclusão, é apresentada a visão desta autora sobre o pensador escocês.

I. CONTEXTO HISTÓRICO E INTELECTUAL DA ESCÓCIA E GRÃ-BRETANHA

Fusão. Em 1707, pouco antes do nascimento de Hume, durante o reinado da Rainha Ana (1665–1714, última monarca da casa de *Stuart*²) a Escócia e a Inglaterra uniram-se formando o Reino da Grã-Bretanha. Os parlamentos escocês e inglês dissolveram-se e foram substituídos pelo novo parlamento britânico. Durante o período de vida de Hume, a Grã-Bretanha esteve sob o reinado da Dinastia de Hannover, fundada em 1635 – os reis George I (1714–1727), George II (1727–1760) e George III (1760–1820).

Iluminismo. A Filosofia europeia do final do Século XVII e da maior parte do Século XVIII é denominada amplamente de Iluminismo, período de reação do empirismo aos grandes racionalistas do século XVII.

Diversidade. Segundo Cerqueira (2006), para entender o Iluminismo (ou Esclarecimento) é preciso reconhecer o fato de o movimento não ter sido uniforme em todos os países e culturas; ao contrário, existiram diversas posições e ideias,

1 Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É Professor Associado do Cedeplar e do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG (Ano-base: 2017). Tem experiência nas áreas de economia e filosofia, com ênfase em história do pensamento econômico, metodologia da economia e economia política. Desenvolve pesquisas sobre a economia política do Iluminismo escocês (Adam Smith e David Hume) e sobre a crítica da economia política de Karl Marx.

2 Família nobre de origem bretã, com origem no Século XI, deteve os tronos da Escócia e Inglaterra até 1714 quando foi substituída pela Dinastia de Hannover.

princípios e métodos, justamente pela variedade de contextos nacionais a partir dos quais se formou. O Iluminismo pode ser entendido enquanto “espírito”, sentido, expresso em diferentes filosofias, apoiadas na confiança, na força da razão e na capacidade humana de organizar a Sociedade livre de preconceitos, mitos e superstições sustentadoras das diferentes formas de opressão.

Originalidade. Assim, não devemos considerar o Movimento Iluminista britânico cópia ou importação do movimento francês, tampouco igualar o Iluminismo escocês ao inglês.

Transformações. A Inglaterra viveu grandes transformações ao longo do Século XVIII: o fim do Absolutismo, o crescimento urbano e populacional, a ampliação dos mercados, acompanhadas de mudanças também no plano da ideias. A conquista de direitos essenciais desde a Revolução Gloriosa (1688–1689), exigindo ainda 100 anos para chegar na Europa continental, possibilitou aos ingleses adotar novos valores e estilos. A crença na ordem harmônica na natureza, revelada pela Física Newtoniana, foi gradualmente transposta para as Ciências Sociais ou Humanas.

Contraponto. Por outro lado, a Escócia era país pobre e assim permaneceria no período em questão. Nos fins do Século XVII, sucessivas crises da produção agrícola provocaram o surgimento da fome. A isso somaram-se o declínio do comércio, em função das guerras, e o colapso agudo provocado pela tentativa desastrosa de criar colônia no Panamá, exaurindo as economias de milhares de escoceses.

Consequências. A união da Inglaterra com a Escócia, no início do Século XVIII, não foi feita totalmente sem oposição e esse contexto, ainda segundo Cerqueira, propiciou o aparecimento de grandes pensadores na Escócia nesse período.

Transformações. A criação do Reino da Grã-Bretanha e a dissolução do parlamento escocês não impediram a preservação de ampla parte das instituições nacionais, a exemplo da Igreja, do sistema legal, das universidades e do sistema educacional, mantendo o essencial à população nas mãos do poder local. A diferença em relação aos ingleses era algo presente e consciente para os escoceses. Aceitavam parcialmente a condição de província, desejando assimilar a cultura britânica; entretanto tinham a necessidade de preservar realizações e cultura, gerando tensão com alguns resultados positivos.

Desafios. Assim, para os pensadores escoceses, o Iluminismo não foi mera transposição de ideias de filósofos ingleses ou franceses, mas movimento de ideias perante os desafios da Escócia e conjunto de propostas ligadas às ações efetivas para promover a superação da dependência.

Universidades. A Escócia já contava com 5 universidades desde o Século XVI, cujos professores eram escoceses educados no exterior, mantendo os estudantes a par dos avanços na Física, Medicina, Filosofia e outras disciplinas. O país era atento aos desenvolvimentos científico e cultural nos séculos anteriores ao Iluminismo, possuindo elite intelectual bem educada.

Atuação. As universidades eram tradicionalmente voltadas para a formação do clero, mas passaram atuar mais amplamente, fomentando pesquisa e ensino de disciplinas científicas e novos cursos. A formação de médicos e advogados passou a ser feita no próprio país. Na capital Edimburgo, em 1740, a Escola de Medicina foi oficialmente reconhecida e logo passaria a ser considerada o principal centro de ensino médico da Europa.

Debates. Outra influência no desenvolvimento das ideias no país foi a proliferação dos clubes e sociedades, criados para promover o encontro e o debate entre intelectuais ligados à universidades, à igreja, à administração pública e aquela parcela da nobreza e da burguesia preocupada com a melhoria dos conhecimentos. Essas associações proveram os intelectuais do Século XVIII de contexto denso e variado, ausente aos antecessores.

Liberdade. Finalmente, a tolerância para os debates públicos, a liberdade (relativa) de pensar e expressar opiniões foram condições indispensáveis para o progresso do esclarecimento. Para Hume, a liberdade desfrutada pelos escoceses (e ingleses) era significativamente maior se comparada à existente em outros países. No *Tratado*, afirmou viver em “terra de tolerância e liberdade” e, por isso mesmo, destinada a fazer os “aperfeiçoamentos na razão e na Filosofia”. Mesmo assim, foi impedido de assumir o cargo de professor em duas universidades escocesas, devido a posições contrárias à Igreja.

Conhecimento. Grande discussão entre os pensadores no período envolvia a origem e garantias do conhecimento humano. Para os racionalistas radicais, a experiência poderia ser base insegura para o conhecimento, pois os sentidos e as experiências podem enganar. Portanto buscavam no raciocínio *a priori* (isto é, anterior à experiência) a certeza para qualquer conhecimento. Já os empiristas radicais defendiam ser a experiência a base de todo conhecimento, originando-se todas as ideias necessariamente da experiência.

Discussões. Grande parte da obra filosófica de Hume dedicou-se a demonstrar a imprescindibilidade da experiência para a formação de qualquer ideia, ou seja, a impossibilidade de produzir ideia a respeito de questões de fato por meio da razão “pura”. Porém, mesmo a experiência, demonstra Hume, não é suficiente para justificar a certeza no conhecimento, como veremos na seção correspondente. A partir da leitura das ideias humeanas sobre o conhecimento e o raciocínio, Kant conseguiu desvencilhar-se da Metafísica tradicional, reconsiderou o próprio pensamento filosófico e propôs a conciliação entre o Racionalismo e o Empirismo.

Ceticismo. Os questionamentos até a última consequência sobre a possibilidade ou não de garantir a exatidão dos raciocínios levaram Hume ao ceticismo até certo ponto radical, pelo menos à primeira vista. O ceticismo quanto à certeza do raciocínio espalhou-se também nos textos sobre a religião, até então inaceitáveis na Grã-Bretanha.

II. AS OBRAS ESCRITAS

Comparação. À época, as obras históricas de Hume tiveram maior sucesso editorial se comparadas às filosóficas, tendo aquelas garantido a independência financeira, e permitiram-lhe dedicar-se à Filosofia, grande paixão desde jovem. Após a dessoria, a importância das ideias filosóficas sobrepujaram-se à fama de historiador e a relevância das obras inverteu-se.

Obras. Eis, em ordem cronológica, as 11 principais obras publicadas do filósofo, ensaísta e historiador:

01. *Tratado da Natureza Humana* (1739–1740). Obra ambiciosa, escrita ainda na juventude, publicada quando Hume tinha apenas 28 anos, com a pretensão de inaugurar a Filosofia fundamentada no Método Experimental de Newton. Composta de 3 volumes, foi lançada em 2 etapas. Primeiramente, os Livros I (Do Entendimento) e II (Das Paixões) e posteriormente o Livro III (Da Moral) e o Apêndice. Desprezada e pouco reconhecida pelos intelectuais da época, é considerada atualmente a obra mais importante e influente.

02. *Resumo de Um Tratado da Natureza Humana* (1740). Sinopse das ideias principais do *Tratado*.

03. *Ensaaios Morais, Políticos e Literários* (1741–1742). Relançado com acréscimos de conteúdo até 1777, caracteriza-se pela heterogeneidade dos temas e pela perspectiva secular. Nela, Hume analisa assuntos humanos, a maneira pela qual as Sociedades se desenvolveram e como, provavelmente, se desenvolveriam no futuro, almejando o primeiro passo em direção ao conhecimento científico do funcionamento do conjunto social.

04. *Investigação sobre o Entendimento Humano* (1748). Hume reapresenta as ideias do Livro I do *Tratado*, em linguagem mais acessível, já convencido do fato de o fracasso da primeira obra dever-se à forma e não ao conteúdo.

05. *Investigação sobre os Princípios da Moral* (1751). Hume reformula os pontos principais do Livro III do *Tratado*. Foi considerada pelo próprio Hume a melhor dentre as próprias obras, tanto do ponto de vista filosófico quanto literário.

06. *A História da Inglaterra: da Invasão de Júlio César até a Revolução Gloriosa de 1688* (1754–1762). Obra mais conhecida e mais bem sucedida do ponto de vista editorial durante a vida de Hume, tendo mais de 100 edições. Foi referência para a História da Inglaterra por muitos anos.

07. *Quatro Dissertações* (1757). Composto de 4 textos: *História Natural da Religião*, *Dissertação sobre as Paixões* (onde reformula o Livro II do *Tratado*), *Da tragédia* e *Do padrão do gosto*. Estes 2 últimos figurariam também em publicações dos *Ensaaios morais políticos e literários*. *A História Natural da Religião* também seria lançada como título independente.

08. *História Natural da Religião* (1757). Hume analisa a religião enquanto produto da natureza humana, sem pressupor a existência de deus, propondo-se, de maneira inédita, a analisar cientificamente a Sociologia da Religião.

09. *My Own Live* (1776). Autobiografia concisa escrita em 18 de abril de 1776, alguns meses antes de dessorar, já encontrava-se doente.

10. *Diálogos sobre a Religião Natural* (póstumo). Hume tece forte crítica às tentativas de provar a existência de deus por processos supostamente racionais. Escrito em forma de diálogo entre personagens, aborda o argumento teleológico, o argumento cosmológico, o problema do mal e as relações entre a religião e a Moral. Seguindo recomendação de amigos de Hume, só foi publicado postumamente, a fim de evitar mais perseguições além das já ocorridas em virtude das críticas às religiões em outras obras.

11. *Do suicídio* e *Da imortalidade da alma* (póstumos). Esses 2 textos eram originalmente parte da obra *Quatro Dissertações*, mas por apresentarem críticas diretas à religião e consequente pressão de religiosos, foram suprimidas e teve publicação póstuma em 1783.

Perseguição. Devido às posições céticas e antirreligiosas, em 1761, a Igreja Católica condenou as obras de Hume ao *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos). A perseguição pelos representantes da Igreja Católica causou prejuízos a Hume: foi barrado nas Universidades de Edimburgo e de Glasgow. Apesar disso, com o trabalho de historiador no projeto sobre a História da Inglaterra, garantiu o sustento e pôde continuar defendendo as próprias ideias.

III. SOBRE A VIDA E OBRA DE DAVID HUME

Nascimento. Nascido em Edimburgo, Escócia, em 26 de abril de 1711, em família de posses razoáveis, passou a infância na propriedade da família, com o irmão mais velho John Hume (c. 1709–1786), a irmã Catherine Fullerton (Hume) (c. 1710–1790), e a mãe, a quem Hume descreveu em autobiografia sendo mulher bonita e devotada em prover e educar os filhos. O pai advogado, Joseph Hume (1681–1713) faleceu logo após o segundo aniversário.

Mãe. Katherine Falconer Hume (c. 1683–1745) percebeu logo a inteligência incomum do filho (precoce, como se dizia no dialeto escocês). Assim, quando o primogênito foi para a Universidade de Edimburgo, Hume o acompanhou, com apenas 11 anos de idade.

Atividades. Lia bastante História, Literatura, Filosofia Antiga e Moderna, também estudava Matemática e Ciências. Em vez da carreira de Direito, suposta pela família, escolheu a Filosofia. Os estudos intensos em idade tão precoce quase o levaram a colapso ou crise filosófica em isolamento escolar. Aproximou-se de atividades mais “mundanas”, como o comércio e o lazer, e, superada a crise, manteve-se na tentativa de articular “nova Ciência do Pensamento”.

Tratado. Mudou-se para a França e foi estudar no La Flèche, onde haviam estudado filósofos importantes, tais quais Descartes e Marin Mersenne (1588–1648), no século anterior. Naquela instituição de ensino, em 1734, começou a escrever a primeira obra: o *Tratado da Natureza Humana*. Voltou à Inglaterra em 1737 para publicá-la. A reação desapontou o autor, não despertando sequer a discordância dos contemporâneos. Foi simplesmente ignorada.

Crítica. O *Tratado* apresenta as virtudes e defeitos das primeiras obras de grandes pensadores, escritas durante a juventude: profusão e riqueza de ideias originais, coragem na exposição de ideias contrárias às estabelecidas aliadas à falta de articulação e rigor argumentativo e à falta de coerência entre teses apresentadas. Mesmo assim, permanece sendo obra prima e registro insuperável da Filosofia Humeana.

Herança. A família tinha algumas propriedades, porém, pelas leis da época, Hume, não sendo primogênito, não teria direito à elas. Portanto, estava lúcido quanto à necessidade de obter independência financeira por outros meios. As primeiras tentativas enquanto escritor foram mal sucedidas, como o próprio *Tratado*, sem despertar interesse.

Docência. Tentou duas vezes o projeto de ser professor universitário, em Edimburgo e em Glasgow, porém, não conseguindo vencer a oposição dos religiosos, abandonou esse objetivo.

Publicações. Hume publicou outras obras após o *Tratado*, com algum sucesso, e trabalhou na condição de bibliotecário na Faculdade de Advogados de Edimburgo. Nesse cargo teve a oportunidade de trabalhar intensamente no projeto do livro *História da Inglaterra*, publicado em 6 volumes, entre 1754 e 1762. Essa obra tornou-se *best-seller* na época, dando-lhe finalmente a independência financeira tanto perseguida. Essa obra foi referência sobre o tema até fins do Século XIX.

Economicidade. Antes de conseguir o sucesso editorial, Hume decidiu viver de maneira bastante parcimoniosa a fim de manter a independência, restringindo bastante os gastos, exceto os necessários ao aprimoramento dos estudos e talentos literários, conforme consta na autobiografia.

Características. Hume é descrito por si mesmo e por muitos contemporâneos qual homem gentil e calmo. Inclina-se a ver o lado favorável dos acontecimentos, não desistindo do objetivo de ser escritor. Mesmo depois dos desapontamentos com as primeiras obras, manteve-se no propósito enquanto exercia outras atividades. Com a persistência, os livros começaram a ser debatidos e apreciados pelo público alvo e alcançaram sucesso editorial.

Acusação. Mesmo tendo o temperamento calmo e avesso a desentendimentos pessoais, não conseguiu evitar a controvérsia com Jean Jacques Rousseau (1712–1778), tendo sido por este acusado de conspiração internacional.

Aceitação. As obras de Hume, mesmo as bem sucedidas, não costumavam causar, num primeiro momento, nenhuma repercussão, especialmente no caso de assuntos da religião e nos volumes da *História da Inglaterra*. Isso demonstra o quanto tinha ideias contrárias às estabelecidas. Apenas depois de algum tempo, as obras eram “absorvidas” por pensadores da época e aceitas.

Estilo. Depois do fracasso editorial da primeira obra, Hume investiu em estilo mais acessível em comparação ao de outros filósofos. Estudiosos o consideram mestre do estilo, devido o teor filosófico e complexo das obras.

Diálogos. Antes de decessor, organizou a publicação póstuma da polémica obra *Diálogos sobre a Religião Natural*.

IV. CONTRIBUIÇÕES PARA A FILOSOFIA

Legado. A contribuição humeana de maior impacto para a Filosofia é o chamado *Problema da Indução*, também conhecido como *Problema de Hume*. Francis Bacon (1561–1626) havia estabelecido o *princípio da indução* como o instrumento por excelência para o estabelecimentos de inferências científicas.

Críticas. Além de criticar o Racionalismo Metafísico, Hume argumentou e demonstrou a impossibilidade de a experiência acerca de fatos passados justificar o conhecimento sobre a relação de causalidade entre esses fatos.

Certeza. Hume considerava certa ideia racionalmente correta e provida de certeza se o contrário não pudesse ser concebido pela mente (tais quais os raciocínios *a priori* da Matemática).

Desafio. Assim, Hume desafiou a forma de conceber a natureza do conhecimento sobre o mundo e abalou as pretensões à universalidade e certeza das *leis científicas*.

Descrição. Eis, na ordem lógica, 13 tópicos descrevendo sucintamente as ideias de Hume:

01. **Entendimento.** A investigação sobre o entendimento inicia-se pelo estudo da origem das ideias (influência das ideias de John Locke).

02. **Percepções.** As percepções mentais classificam-se em duas diferentes espécies: impressões (com origem nos sentidos externos ou internos) e ideias (cópias das impressões, pertencentes à memória ou à imaginação).

03. **Diferenciação.** As impressões se diferenciam das ideias não pela evidência racional, mas pelo grau de força ou vivacidade, superior nas impressões.

04. **Imaginação.** A imaginação é a faculdade mental passível de originar novas ideias por meio da capacidade de compor, transpor, aumentar ou diminuir as copiadas das impressões.

05. **Princípios.** As ideias se associam ou se conectam na mente segundo os *princípios da semelhança, contiguidade* (no tempo e no espaço) e *causa e efeito*.

06. **Tipos.** Hume divide os objetos do entendimento em relações de ideias (ideias da Matemática, por exemplo) e questões de fato (conhecimentos acerca da Natureza).

07. **Veracidade.** Não é possível demonstrar a veracidade das questões de fato, pois de certo fato sempre se pode conceber o contrário, sem incorrer em contradição.

08. **Experiência.** Portanto, todo conhecimento sobre questões de fato provém da experiência. Fazemos inferências factuais ao observar certos acontecimentos e circunstâncias, e assim somos capazes de prever o futuro com certa convicção (mas não certeza absoluta).

09. **Impossibilidade.** A relação de causalidade (ao contrário do concebido nas Metafísicas Racionalistas) não pode ser demonstrada a partir de nenhum raciocínio *a priori*.

10. **Fundamentação.** Os raciocínios a respeito de questões de fato se fundamentam no *princípio associativo de causa e efeito*; após repetidas observações da conjunção de 2 determinados objetos ou fatos, o pensamento é naturalmente levado a concluir ser o primeiro a causa e o sucedente o efeito. E essa transição da mente baseia-se no hábito, sendo esse o principal ponto do Empirismo Humeano.

11. **Refutação.** Com isso, Hume derrubou a ideia cartesiana de Ciência. Não há Ciência no sentido de conhecimento certo, indubitável. Essa espécie de conhecimento pertence apenas às Ciências Demonstrativas (Matemáticas e Geometria).

12. **Convicção.** A crença nas ideias de causalidade é devida às repetidas experiências de conjunção de efeitos e causas semelhantes. Os diferentes graus de convicção correspondem aos diferentes graus de probabilidade de ocorrência, a partir das experiências passadas.

13. **Conhecimento.** Portanto, o conhecimento é apenas provável, não absoluto.

Síntese. Resumindo ainda mais, as ideias podem ser descritas pela seguinte frase: “*Não somos guiados pela razão, e sim pelos nossos hábitos e costumes.*”

Impactos. Essas conclusões de Hume foram devastadoras para a Filosofia da Ciência e a Epistemologia, e o fato de terem permanecido tanto tempo sem resposta satisfatória foi, nas palavras de Kant, o “escândalo da Filosofia”. Sobre a leitura de Hume, o filósofo germânico reconheceu tê-lo despertado do “sono dogmático” e motivado a escrever a grande obra *Crítica da Razão Pura*, em resposta ao *Problema de Hume*.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Relatividade. O legado de Hume para a Filosofia e para as Ciências é de valor inestimável. Ao abalar as pretensões de Ciência e verdades absolutas, estabeleceu as bases para o conhecimento possível ao homem, ou seja, a verdade relativa, suscetível sempre a novos fatos, corroborando ou refutando as teses e teorias propostas.

Artificialidade. Apesar do ceticismo aparentemente radical, Hume reconheceu a artificialidade da própria posição cética. A reflexão filosófica pode levar à dúvidas céticas, mas, na vida cotidiana, estamos totalmente persuadidos e convictos de certas circunstâncias com as quais estamos excessivamente acostumados.

Precursor. Podemos ver, na teoria de Hume, ideias com tendência a ser, em certa medida, precursoras da *verdade relativa de ponta* (verpon), do *princípio da descrença*, dos pensamentos automáticos (conceito usado na Psicologia Cognitiva), do condicionamento (conceito usado na Psicologia Comportamental), e da moderna Filosofia da Mente.

Experiência. Assim como o *princípio da descrença* prioriza a experiência, para Hume, também a experiência, mesmo limitada, é a única fonte de ideias. Apesar de não haver abordado a serialidade existencial, poderíamos ponderar se as ideias ditas inatas seriam também derivadas de experiências de outras vidas.

Estudo. Para Hume, os conhecimentos adquiridos pela leitura e estudo, ou seja, pela absorção do conhecimento dos outros também são fundamentados na experiência prévia sobre a confiabilidade ou não a respeito do emissor da ideia, nos livros, nos meios de comunicação e outros. Caso a experiência confirme as informações dessas fontes por meio de fatos, passa-se a crer nelas enquanto confiáveis também no futuro.

Credices. Hume alerta para o perigo das credices e na tendência dos seres humanos não estudiosos (ou pouco críticos) em crer nos relatos de fenômenos contrários às *leis da Natureza*. Para ele, a experiência mostra ser a mentira mais provável entre os homens, se comparada ao desvio de curso da Natureza.

Multidimensionalidade. Não aparece na obra humeana apoio à ideia da multidimensionalidade, provavelmente por falta de autexperiência nesse campo. Pouco antes de decessar, indagado sobre a possibilidade de haver vida após a morte, respondeu: “É possível que o carvão não queime no fogo”. Infere-se dessa fala a ausência de garantia de repetibilidade das experiências pretéritas no futuro.

Comportamentalismo. A teoria de Hume sobre ser o hábito o fundamento do conhecimento sobre os fatos tem relação direta com a *teoria comportamentalista* da Psicologia. Para essa linha, a consequência do comportamento resulta na repetição ou evitação de tal prática de acordo com a agradabilidade ou aversão da consequência, pois espera-se a regularidade dos fatos, após seguidas conjunções comportamento-consequência (chamadas de reforço, nessa abordagem psicológica).

Cognitiva. Para a Psicologia Cognitiva, boa parte das cognições, pensamentos automáticos e emoções derivam do fato de, em experiências anteriores, certo evento se seguir a outro com frequência. Mesmo em casos dessa conjunção ter sido coincidência ou aleatoriamente repetida, se formará a crença de constância desses fatos no futuro. Dessa maneira, muitos pensamentos automáticos (crenças) disfuncionais formados durante determinado período de vida perduram mesmo nas situações nas quais tal conjunção não esteja mais presente no contexto atual da pessoa, gerando distúrbios emocionais e comportamentais.

Legados. Essas contribuições de Hume para Ciência e Filosofia se restringem a parte da obra, particularmente sobre o entendimento humano. Além dessa, também legou a crítica às religiões dogmáticas e à Igreja, o ineditismo do estudo social da religião e o estudo científico do funcionamento da Sociedade.

Dessoma. Hume declarou não acreditar em vida após a morte, viveu dignamente e em harmonia com os pares, segundo a própria visão e de outros pensadores próximos, os quais o consideravam bastante virtuoso. Dessomou tranquilo, deixando organizadas obras e admiradores entre os pares.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1. **Hume**, David; *Investigação sobre o Entendimento Humano* (*Enquire Concerning Human Understanding*); int. & trad. Alexandre Amaral Rodrigues; 120 p.; 17,5 x 11,5 cm; br.; *Hedra*; São Paulo, SP; 2009; páginas 3 a 120.

2. **Idem**; *My Own Life*; E-book; Biografia; 1977; *The University of Adelaide*; Adelaide; Austrália; April, 2015; páginas 1 a 7.

3. **Idem**; *Tratado da Natureza Humana: Uma Tentativa de introduzir o Método Experimental de Raciocínio nos Assuntos Morais* (*A Treatise of Human Nature: Being an Attempt to introduce the Experimental Method of Reasoning into Moral Subjects*); revisora Ana Luiza Couto; trad. Débora Danowski; 712 p.; 10 partes; 90 seções; 1 enu.; 1 sinopse; 54 notas; 23 x 16 x 5,5 cm; enc.; *Editora UNESP*; São Paulo, SP; 2001; páginas 19 a 306.

4. **Seymour-Smith**, Martin; *Os 100 Livros que mais influenciaram a Humanidade* (*100 most Books ever Written*); trad. Fausto Wolff; 680 p.; 101 seções; 100 fotos; 23 x 16 x 3,5 cm; br.; 2ª Ed.; *Difel*; Rio de Janeiro, RJ; 2002; páginas 375 a 379.

WEBGRAFIA ESPECÍFICA:

1. **Cerqueira**, Hugo; *Adam Smith e seu Contexto: O Iluminismo Escocês*; Artigo; *Economia e Sociedade*; Revista; Vol. 15; N. 1; 7 citações; 45 refs.; Campinas, SP; Janeiro-Junho, 2006; disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642918>>; acesso em: 23.03.17; 18h26.

2. **Morris**, William Edward; & **Brown**, Charlotte R.; *Filosofia Moral de Hume* (*David Hume: The Stanford Encyclopedia of Philosophy*); 29.10.04; 14 caps.; 1 ref.; *Metafísica Research Lab* (CSLI), Stanford, CA; USA; disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2017/entries/hume/>>; acesso em: 26.06.17; 17h44.

3. **Norton**, David Fate; *et al.*; *The Cambridge Companion to Hume*; E-book; Antologia; 492 p.; 17 caps.; 53 abrevs.; 367 notas; 473 refs.; 2 anexos; alf.; br.; *Cambridge University Press*; New York, NY; 1993; acesso em: 26.06.17; 18h11.